

CORPOS DAS MULHERES NEGRAS: CABELOS CRESPOS E A HETERONORMATIVIDADE

Cuerpos de las Mujeres Negras: Cabello Rizados y la Heteronormatividad

Bodies of Black Women: Curly Hair and Heteronormativity

Daiana de Moura Bernardes Coelho
Viviane Melo de Mendonça

Resumo

Discorreu sobre o conceito de heteronormatividade como instituição que regimenta e regula os corpos na sociedade e produz normas de gênero que são introjetadas e naturalizadas. Assim, o objetivo deste artigo é o de analisar como a heteronormatividade afeta os corpos negros e, de modo mais específico, os corpos das mulheres negras que são atrizes. Centrou as análises nas experiências dos cabelos crespos de cinco mulheres negras e atrizes da região de Sorocaba. Evidenciou em suas histórias de vida que estas experiências se tornam um dispositivo de produção de normas e controles heteronormativos na vida dessas mulheres e que o cabelo crespo para as mulheres negras é símbolo de luta contra as discriminações racista e heteronormativas da sociedade e que, portanto, a quebra do silêncio desses corpos negros nas artes cênicas aponta também para a necessidade de ouvir e aprender sobre suas trajetórias.

Palavras chave: Heteronormatividade; Corpo de Mulheres Negras; Cabelo Crespo

Resumen

Discurrió sobre el concepto de heteronormatividad como institución que regula y regula los cuerpos en la sociedad y produce normas de género que son introyectadas y naturalizadas. Así, el objetivo de este artículo es el de analizar cómo la heteronormatividad afecta los cuerpos negros y, de modo más específico, los cuerpos de las mujeres negras que son actrices. Centroizó los análisis en las experiencias de los cabellos rizados de cuatro mujeres negras y actrices de la región de Sorocaba. Evidenció en sus historias de vida que estas experiencias se convierten en un dispositivo de producción de normas y controles heteronormativos en la vida de esas mujeres y que el pelo rizado para las mujeres negras es símbolo de lucha contra las discriminaciones racista y heteronormativa de la sociedad y que, la ruptura del silencio de esos cuerpos negros en las artes escénicas apunta también a la necesidad de oír y aprender sobre sus trayectorias.

Palabras clave: Heteronormatividad; Cuerpo Negro; Cabello Rizado

Abstract

It was discussed the concept of heteronormativity as an institution that regiments and regulates bodies in society and produces gender norms that are introjected and naturalized. Thus, the objective of this article is to analyze how heteronormativity affects black bodies and, more specifically, the bodies of black women who are actresses. Focused the analyzes on the experiences of the curly hair of five black women and actresses of the region of Sorocaba. It was shown in their lives histories that these experiences become a device for the production of heteronormative norms and controls in the lives of these women, and that curly hair for black women is a symbol of the struggle against the racist and heteronormative discriminations of society and that the breaking of the silence of these black bodies in the performing arts also points to the needs to listen and learn about their trajectories.

Key Words: Heteronormativity; Black Body; Curly Hair

1. Introdução

Um conceito é uma ferramenta. Um instrumento para observarmos e nomearmos os acontecimentos do mundo. Mas também um conceito é uma arma. Sendo uma possibilidade de dar nome as coisas pode ser utilizado em diversas disputas. É, pois, uma arma que nos permite organizar um pensamento sobre a realidade e esse pensamento pode ser colocado em favor ou não da transformação da realidade observada.

O conceito está e é na realidade, no dia-a-dia, no transcorrer da história. É a observação do tempo, do espaço, das dinâmicas dos acontecimentos, das repetições, dos fluxos e influxos das coisas acontecidas. Como disse Hardy-Vallée (2013, p.16), “[o] conceito é a unidade primeira do pensamento e do conhecimento: só pensamos e conhecemos na medida que manipulamos conceitos”.

Para esta perspectiva, os pensadores, teóricos, acadêmicos repousam o olhar no acontecido (ou no que deixou de acontecer) e tecem, tramam com as palavras uma organização, sistematizam os termos e dão nome a essa realidade que obrigatoriamente fazem parte (pois humanos que são, estão refletindo sobre seu próprio mundo – ainda que não vivam diretamente seu assunto de pesquisa). Podem, através dessa sistematização de termos, interferir na realidade que observaram. E, deste modo, essa é a chave para pensarmos as questões sobre o conceito de “heteronormatividade”, objeto deste artigo.

Portanto, o que queremos dizer, é que nenhum conceito é neutro e tampouco pode ser neutra a interferência da pesquisa que resulta. Como condensação de um olhar, é um ponto de vista que está sendo posto em discussão. Pensando assim discutir um conceito que já existe é recriá-lo. É trazê-lo para o tempo e espaço, para a dinâmica na qual se está observando esse acontecido. No caso deste trabalho trazer o conceito de heteronormatividade é fazer uma tessitura, uma trama, para com ele compreender, sobre um ponto de vista, onde as existências de mulheres negras estão enredadas. Este é o objetivo geral deste trabalho.

A própria noção de "corpos negros" remete para uma existência que foi historicamente denominada por um olhar. Esse olhar é branco e masculino, conforme tanto discorreu Anzaldúa (2000), Carneiro (2005) e Davis (2016), dentro outras intelectuais. E que por ter o privilégio de nomear, de denominar e demarcar sociedades vai se considerar superior. Por isso dissemos que interferência na realidade é a chave para a discussão do conceito que aqui nos debruçaremos.

Partimos da noção de epistemicídio (epistemologia + homicídio), desenvolvida por Souza Santos, Menezes e Nunes (2005) e aprofundada por Carneiro (2005), e que tem a ver, desde o século XVII e fortalecimento do século XIX, com a expansão do capitalismo. A ciência moderna e ocidental, segundo este autor e estas autoras, serve em sua suposta neutralidade aos interesses do capital. Para isto deve "matar" ou deslegitimar todos conhecimentos dos grupos que foram colonizados, como as pessoas, negras, indígenas, os latinos americanos, africanos, asiáticos e, assim, produzir e fortalecer o conhecimento Ocidental (que se refere ao Norte Global). Isto é o que chamam de ato epistemicida. E, sobre esse ponto, o colonialismo se desenvolveu, e estará como plano de fundo da presente discussão, pois é no bojo do sistema colonial que emergiram as tensões e conflitos de hierarquização racial no Brasil.

Quem dá nome vem em primeiro lugar, tem a primazia, o privilégio da fala,. Aquele que é nomeado vem depois ou não aparece, é silenciado, é o objeto. Como foi definido, este fica registrado mais ou menos como uma figura em um livro: existe em um lugar diferente, é o diferente, o observado e, dependendo da abordagem, chega mesmo a perder a sua humanidade. E é essa a lógica epistemicida que também permeia a hierarquia do pensamento e das pessoas. Como se o que foi nomeado por uma ciência eurocêntrica

fosse imediatamente inferior, como no caso aqui, por exemplo: Índio-índia, Negro-negra, Gay-lésbica, Bissexual-transexual, Pobre, Marginal e Diferentes-desviantes. E também se dividem em masculino e feminino parecendo hierarquicamente marcados, sempre masculino primeiro e feminino depois, porque também a linguagem se organiza por esse olhar que é branco, e é também heterossexual e masculinista.

Esse trabalho se dá pelo benefício do contrário, primeiro porque aglutina a observação da realidade de corpos negros. Mas quem observa, quem está nomeando é uma mulher negra, antes nomeada, agora observando a própria existência a partir das realidades do seu universo. Segundo porque esse universo é bastante específico e se organiza com lógicas diferentes. O universo artístico é em si diferente. E parece ter permissões para fugir as normas comuns da sociedade, o artista, a artista já é um conceito lido como profissão e cidadania exercidas de formas que normalmente não correspondem ao ideal, ao padrão (tais como de composição familiar, trabalhos e salários fixos, organização de vida sem rotina, horários diferenciados, ter o corpo como matéria para o trabalho, etc).

Este artigo, portanto, pretendeu analisar entrevistas de histórias de vida de cinco mulheres negras e atrizes da região de Sorocaba, entre o período de novembro de 2017 a fevereiro de 2018, com foco em suas experiências relacionadas com o “cabelo crespo”. Todas assinaram o Termo de Livre Consentimento Livre e Esclarecido e tiveram a devolutiva de suas entrevistas. Assim, o objetivo deste artigo é o de analisar como a heteronormatividade afeta os corpos negros e, de modo mais específico, os corpos das mulheres negras que são atrizes.

2. A heteronormatividade na vida das mulheres negras

A realidade precede o conceito. As experiências de vida de mulheres, as repetições dessas experiências, as reiteradas vidas de Liliths, Evas, Marias, Madalenas, Cleopatras, Salomé, Dalilas, Dianas, Persefônias, Antígonas, Ismenias, Medeias, Helenas expressam essa realidade. Pecadoras que comeram a maçã, santas que dão a luz a benfeitores, gênios e ilustres, criminosas que arruínam lares, etc e etc. As vidas de mulheres vêm antes de qualquer conceito, e também antes de qualquer conceito as repetições que continuam resultando em violência e morte para essas que são consideradas como inferiores. O

vivido desses corpos precisa ser entendido para que os conceitos relacionados a eles não se tornem abstratos.

A heteronormatividade significa que antes dessa palavra existir, uma realidade a precedeu. Assim também como o conceito de gênero. Não existe identidades antes ou separada das identidades de gênero. Atribui-se ao corpo o ser mulher ou homem e nos tornamos a partir deles. Ou seja, apenas nos tornamos inteligíveis pelo gênero.

Gêneros inteligíveis em sociedade são os que produzem a coerência entre sexo (biologia), gênero, prática sexual e desejo dentro matriz de normas de gênero (padrões de como dever ser e comportar uma mulher ou homem) a partir da heterossexualização do desejo (BUTLER, 2012).

As dinâmicas de diferenciação, as relações, as atribuições já existiam, mas quando o termo ganha a significação de categoria de análise da realidade de homens e mulheres ele ganha uma potência. O conceito ganha vida e história, debates e discussões que defendem sua reiteração ou sua destruição e dissolução de possíveis atribuições.

Assim também acontece com o termo "negro". Negra. Preto. Preta. Em África não se chamavam assim. (Não nos chamávamos assim). Eram seres humanos. (Éramos seres humanos). Houve uma nomeação. Assim também com os indígenas. Como as índias e os índios se chamavam? Como as negras e os negros se chamavam? Que dinâmicas e relações produziam suas subjetividades? Se tentarmos responder a essas perguntas, estaremos discutindo os nomes, as realidades, antes e depois de serem subjugadas pelo olhar branco. E se estivermos entendendo que existe uma grande importância em retomar essas palavras e quisermos ser coerentes teremos que entrar no campo das memórias e das histórias, dos saberes desses povos que (ainda!) não podem se autoproclamar no mundo. São povos de experiência racializada, a raça vem antes de qualquer coisa que desejem fazer ou ser.

O conceito está ligado à ideia de criação, o branco cria o negro, o heterossexual cria o homossexual, o homem cria a mulher (mesmo que não faça sentido em nenhuma instância da vida). Cria porque nomeia, inscreve na história. Escreve. E a palavra escrita hierarquizada nomeia a oralidade. Isso também pesa muito sobre o olhar para esses corpos.

Temos por trás da ideia de heteronormatividade os homens-falos-espadas criando mulheres-vaginas-cálices. E quem veio primeiro o ovo ou a galinha? Esse homem ovo, o invólucro do conhecimento, o pai da semente, a costela criadora, a casca modelo e medida de todas as coisas. É preciso lembrar de que também foi criado. A galinha também foi, por outra galinha e por outro ovo, e por outra galinha e por outro ovo e por outra galinha...A criação é feminina. A arte é feminina. A poesia é feminina.

E essa não é uma briga de foices. Talvez o conceito seja o ovo, e a realidade seja a galinha, e ambos talvez sejam as duas coisas. O que interessa é pensar o conceito de heteronormatividade como ferramenta (ovo) de análise que pode nos auxiliar a gestar, a incubar novos caminhos, gestar potência de vida e alegria para a realidade (galinha).

A heteronormatividade é pressuposto de que todos são heterossexuais. Na origem do conceito a heterossexualidade é posta em confronto, entendendo que a sociedade vê e trata outras possibilidades de sexualidades como desviantes, desta que deve ser a norma. A heteronormatividade é uma rede instituída e repetida, normas e regras que parecem inquestionáveis e devem ser seguidas por todas as sujeitas, independente de seus desejos e subjetividades (WARNER, 1993). É a obrigação mantida através de atitudes, gestos, pensamentos violentos e agressivos, tornando a heterossexualidade uma regra que não pode ser quebrada A obrigatoriedade compulsória da heterossexualidade cria, produz e mantém os gêneros binários (masculino e feminino) bem como hierarquiza suas posições e todas as normas que os produzem e regulam. Portanto a heterossexualidade compulsória é a base para o conceito de heteronormatividade (BENTO, 2011; JUNQUEIRA, 2014).

Os binarismos: Masculino e feminino, macho e fêmea, branco e negro bem como a continuidade que se atribui e se hierarquiza nesses binários: Masculino domina - feminino é dominado, macho força - fêmea fragilidade, branco superioridade - negro inferioridade. Existe, portanto na obrigação dos binarismos a manutenção de uma lógica de poder que será exercido através de normas e ferramentas de vigilância e controle. Compete às mulheres usarem cor de rosa, se preparem para serem esposas e mães dedicadas - essas que deveriam ser lógicas de escolhas da pessoa que nasce com vagina torna-se norma e repetida ao longo dos tempos se transforma regra. Como regra aprisiona e estrangula os corpos que fogem à esse ideal construído mas que é tomado como natural e atribuído a uma suposta biologia da mulher. Em resumo “a heteronormatividade é um

sistema complexo que diferencia aquilo que é “bom”, apropriado e saudável do que é moralmente condenável, inapropriado, e deve ser evitado socialmente” (BALIEIRO e RISK, 2014 p.161; BENTO, 2011; JUNQUEIRA, 2014).

Com esta definição do conceito, como a heteronormatividade afeta os corpos das mulheres negras? Como as normas de gênero exigidas em dispositivo heteronormativo pode contribuir para a experiência vivida das mulheres negras em específico, reforçando o próprio racismo? Como o corpo é vivido por estas mulheres nas exigências dos padrões de gênero dentro de uma ordem heterossexista?

No caso das mulheres negras entendemos que a regra de estética, ordem e beleza do padrão de gênero estabelecido como bom apropriado e saudável¹ toma como modelo corpos brancos, significando que o cabelo crespo ou cacheado, os traços do rosto – lábios e nariz principalmente, o tamanho dos quadris precisam se enquadrar para serem considerados bons e normais. A normatização de gênero que vai atingir a mulher negra se faz em um sem fim de metas para se inserir, entre essas a ideia de que o cabelo bonito e aceitável é o cabelo liso. É um dos elementos de uma padrão de gênero que visa tornar os corpos das mulheres negras heterossexualmente desejáveis dentro de uma sociedade racista.

Todas as mulheres sofrem a cobrança heteronormativa - que produz, como vimos, as normas de gênero - de estar com cabelos bonitos, bem cuidados e impecáveis, a perversidade que atua no caso das mulheres negras dita que o cabelo crespo não apenas é insuficiente para agradar aos ditames estéticos, mas também é feio e sujo. Ao assumir esse cabelo, e retirá-lo do armário² essa menina, jovem ou mulher vai estar exposta e será medida por esse cabelo.

¹ Para um panorama de como as representações heteronormativas se constroem socialmente e são repetidas no ambiente escolar o texto *Escola e Sexualidades* uma visão crítica à normatização é um importante referencial: BALIEIRO, F. F.; RISK, E. N. *Escola e sexualidades: uma visão crítica à normatização*. In: Richard Miskolci; Jorge Leite. (Org.). *Diferenças Na Educação: Outros Aprendizados*. 1ed. São Carlos: EdUFSCar, 2014, v. 1, p. 149-198.

² Para discutir os “armários” como reguladores de corpos na sociedade é imprescindível a leitura do trabalho de Eve Kosofsky Sedgwick. SEDGWICK, E. K. *A epistemologia do armário*. Campinas-SP, *Cadernos Pagu*, n. 28, jan./jun., 19-54, 2007.

Jovem Negro - Você é linda eu adoro seu cabelo, eu te vejo sempre aqui no bairro. Naquele xaveco. E você vai dando corda porque é super gostoso conversar. Jovem Negro - Eu só namorei loira. Vitória - Ah ok. Jovem Negro – Eu queria experimentar uma negra. Vitória - Como assim experimentar uma negra? Jovem Negro - Você não quer dar essa oportunidade de experimentar uma negra?

A situação descrita acima que foi vivida pela atriz, produtora e professora Vitória aponta para o quanto a mulher negra é vista como exótica, fetiche, nesse caso até por um jovem negro. Ao manter seu cabelo tal como é enfrenta e contraria uma lógica que é mantida por várias instituições, a escola talvez seja a primeira delas.

Na turma de oito anos, tem uma de cabelão assim (*faz com os braços o gesto de cabelo black power armado de sua aluna*), e ela tem oito anos. Meu deus, meu deus, dá até vontade de chorar. Porque eu com oito anos, imagina, a minha mãe fazia trancinha coladinha na minha cabeça. Imagina que eu ia pra escola com o cabelo, (*faz novamente com os braços o gesto de cabelo black power armado*) jamais, e ela chega (*na aula*) com aquele cabelo... (Vitória, entrevista da em 2017)

Não à toa em todos os relatos o período escolar surge como momento crucial. A atriz e arte educadora Linda chega a dizer que ela achava que era normal ser agredida e ofendida na época em que estudou. Então parece que ao falar de trajetórias de mulheres negras estamos falando também diretamente da escola como instituição heteronormativa que vai adequar, moldar, padronizar esse cabelo através do racismo que estrutura as relações e instituições. Assistimos assim a contradição que existe em espaços que deveriam reconhecer o panorama histórico e se posicionar com políticas e ações de transformação social e de superação do racismo.

A próxima situação nos ajuda a nos aproximar da transgressão que uma menina negra com cabelos crespos significa para a escola. No ano de 2015 uma denúncia circulou as redes sociais, uma foto foi impressa com um recado para as famílias de estudantes de uma escola em São Paulo. O recado exigia que todas as meninas fossem para uma apresentação de cabelos lisos e soltos como o da criança que estava de *modelo* na foto. A situação se agravou diante do texto que supõe que qualquer menina que tivesse cabelos curtos, cacheados, ondulados, encaracolados ou crespos estaria errada, feia, inapta para participar, precisando, portanto, alisar os cabelos, aceitando o modelo imposto pela escola. Mais triste ainda o fato de que a modelo é uma atriz mirim, de uma novela infantil

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

e seu personagem tinha posturas racistas e discriminava o único personagem negro da escola da novela em questão. Impossível não reconhecer nesse fato a escola como promotora e propagadora de racismo e discriminação³.

Através terminologias, atitudes, silenciamentos que visam dizer qual lugar a mulher negra é bem recebida e pode exercer sua fala e quando não, quando podem existir e estar, e quando não. As relações de silenciamento se dão de maneira tão profunda que a presença desse corpo em um ambiente é entendida como fala. O abismo que separa a população negra de espaços considerados elitizados faz com que quando esteja presente a pessoa negra seja automaticamente notada, identificada, tornada ponto de referência. É uma presença que grita. Assim sofrendo vigilância e controle constantes, além de vários tipos de violências, sempre duplamente pela raça e pelo gênero. Podemos imaginar o quão pesadamente o regime heteronormativo aprisiona os corpos de mulheres, negras, homossexuais, bissexuais ou transexuais.

Sem grandes disfarces os ataques (gestos, atitudes ou a ausência deles) são desferidos para que definitivamente sejam acatados como recados, dicas, avisos, no intuito de fazer o corpo da mulher negra exercer determinado papel que lhe está sendo imposto. Essas violências estão contraditoriamente inseridas nos espaços escolares e nas instituições de arte e cultura, e se explica a contradição facilmente: são espaços onde se espera a vivência democrática, independente de gênero, raça, sexualidade ou classe social. Violência epistêmica, violência psicológica, violência moral e física. Na atualidade o termo bullying reconhece tais agressões e vem levantando reflexões sobre principalmente sobre violência física e psicológica na escola. Enquanto pessoas negras podemos sentir o quanto hoje é mais fácil uma instituição reconhecer que um aluno sofreu bullying do que reconhecer o racismo cotidiano, tamanha naturalização da violência sofrida pelas crianças negras. E diante do exposto entendemos que existem diferenças históricas, sociais e práticas entre as duas coisas, racismo é bem diferente bullying. Uma criança ou adolescente que sofre bullying tem suas relações prejudicadas, mas sai da escola e existem possibilidades de vivenciar outras relações na universidade, nos

³. Manchete do site Pragmatismo Político em 03 de dezembro de 2015. Disponível em: <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2015/12/escola-de-sp-pede-alunas-com-cabelo-liso-e-solto-e-e-acusada-de-racismo.html>> Acesso 06 de Maio de 2018.

empregos, nos espaços de cultura e lazer, bem diferente das reiteradas experiências de racismo enfrentadas pelas crianças e adolescentes negros ao longo da trajetória de vida. Na entrevista realizada, Vitória, emociona com a coragem de sua aluna de oito anos, continua lembrando sua trajetória escolar:

Eu lembro que eu falava pra minha mãe, tinha uma menina que chamava Carol e ela tinha um uniforme e o cabelo liso. (...) Aí eu fui perceber que não era o uniforme da Carol que era bonito, na época né, que eu achava bonito o cabelo da Carol. Então eu com oito anos, imagina, imagina, jamais, e ela (*a aluna*) chega com o cabelo gigante, gigante. Eu fico assim... (*sorriso!*)

Vitória recordando que jamais teria coragem de chegar na escola aos oito anos com o cabelo que hoje ela vivencia e vê na sua aluna, nos auxilia a ter dimensão da opressão do espaço escolar e também a dimensão temporal. Na atualidade uma menina negra consegue encontrar forças para ir a escola com o cabelo crespo natural, mais facilmente do que alguns anos atrás, como explica Vitória. Talvez a sua aluna encontre representatividade e apoio na imagem de sua professora, mas isso obviamente não vai impedir essa menina de passar por situações de racismo – pelo contrário, mas algo a faz *assumir* essa raiz crespa. Faz muito sentido o termo *assumir* escolhido por Eduarda para designar a relação com os cabelos crespos:

A minha irmã, por exemplo, desde sempre alisou o cabelo, ela fazia chapinha, era química, química, chapinha, química. E o ano passado, no final do ano retrasado que ela começou a *assumir* o cabelo dela, ela teve que cortar porque o cabelo dela metade ‘tá todo estragado, mas ela resolveu *assumir*. Eu não! Eu tive muito problema com meu cabelo, meu cabelo era enorme e por eu ter problema no couro cabeludo, ter caído, eu ter cortado, eu usei trança, e mesmo assim *eu não deixei de assumir meu cabelo*. Tipo teve uma época que meu cabelo ‘tava horrível e eu *não deixei de assumir porque é a minha raiz, se eu não mostrar minhas raízes quem vai mostrar, entendeu?* (Eduarda, entrevistada em 2018)

Eduarda afirma com veemência nunca ter deixado de “assumir”, já usou tranças, porém nunca alisou o cabelo. O peso que essa palavra possui na sua fala nos fez adotá-la, sempre que nos referirmos a esse termo estamos considerando todo o pressuposto acima descrito. Quando uma mulher negra *assume* seus cabelos, seu corpo e estéticas atreladas a sua ancestralidade sabe que está em movimento de enfrentamento aos padrões heteronormativos que vigiam muito além da estética que o cabelo representa. Todo o corpo está sendo observado e construído por esses padrões. Também parece simbólico

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

que o termo usado para mulheres que passam a *assumir* seus crespos seja *transição*. Transição capilar. Como no caso de Ismênia, na entrevista ela desabafa que não sabia como era seu próprio cabelo:

Eu também alisei meu cabelo por vinte anos, até mais. E há pouco tempo eu sei o que é o meu cabelo, a textura que ele tem, e eu amo meu cabelo do jeito que ele é, a gente só se incomoda com cabelo branco né, porque isso, cabelo branco não é de deus, mas o resto... (*risos*) Eu gosto dele, eu sou assim. É desse jeito, um cabelo que... (silêncio)

Fazer a transição capilar é fazer uma transição social. Vitória que também usa a palavra *assumir* conta a sensação que teve a primeira vez que saiu na sua cidade de cabelo armado:

Na cidade já fui bem assim... Ainda, ainda. É uma cidade de descendentes europeus, então fui *assumir* meu cabelo com 18 anos. Então assim, quando eu saí na rua aqui em Cerquilho com o cabelo armado: parou né?! Parou a cidade! Tem lugares que você frequenta... Hoje talvez eu não sinta, mas porque você começa a se empoderar, a achar seu espaço. Tem lugares de você entrar e todo mundo olhar e você vê que está chamando atenção por essas questões, não por você ser bonita ou por algo do tipo. (Vitória, entrevista em 2017)

Podemos perceber que essas mulheres ao falarem sobre seus cabelos, estão atreladas a série de problemáticas que viveram e vivem por conta de sua condição de mulher e de seu fenótipo, ou seja, por serem quem são. Os relatos das atrizes sobre a infância estão diretamente relacionados à forma como precisavam de estratégias para sobreviver ao racismo, para agenciar seus relacionamentos, uma dessas seria o alisamento dos cabelos crespos. E estão, na mesma medida, relacionados a experiências de resistências ao padrão estético: reconhecimento de uma condição de submissão a um ideal e posteriormente de transição, ao reconhecer e transitar para seu cabelo natural. O cabelo transita para um caráter político assumido. “Eu me considero uma pessoa com muita personalidade porque tem muitas colegas minhas ou meninas na cidade que eu vejo que falaram alguma coisa do cabelo delas elas já alisaram, aconteceu alguma coisa elas já alisaram. E não assumem essa raiz, entendeu?” (Eduarda, entrevistada em 2018). É preciso força e personalidade para fazer oposição às normas e padrões.

Não apenas o cabelo transita, toda a experiência é corporificada. É o corpo, o ser que transita de uma posição a outra, e diariamente arca com as consequências dessa resistência. Pululam na internet denúncias de mulheres negras que são rejeitadas no

mercado de trabalho, ou de empregadores que fazem a exigência de que raízes crespas sejam alisadas. Esse aspecto heteronormativo e racista do mercado de trabalho, faz com que muitas pessoas de cabelos crespos relacionem imediatamente a busca por empregos com alisamento de cabelos. Como parte de um bom currículo uma mulher negra deve comparecer com os cabelos alisados, ou no mínimo presos. Lemos esse recado sempre que se destaca em uma vaga a frase “exige-se boa aparência”.

Assumir o cabelo crespo é uma afronta ao racismo e à heteronormatividade que estão por trás das situações vividas por essas mulheres, é uma questão de lugares de gênero e raça sendo enfrentados. Em inúmeros casos os cabelos podem representar vaidades e frivolidades atribuídas ao âmbito do feminino, principalmente pela cooptação do mercado capitalista, que transforma os valores e as necessidades, a emergência de se consumir determinados produtos de estética e beleza. Manter os cabelos crespos é muito significativo para *assumir-se* mulher negra, não só isso obviamente, mas a força atribuída aos chamados *black powers* tem muita significação para o pertencimento ao grupo de origem. Entendemos que é esse cabelo, ainda que tendo na atualidade inúmeros produtos criando um lugar específico para ele, está historicamente situado numa postura de luta e de um atravessamento profundo no ser. Por isso no começo deste texto nos referimos a mulheres negras como estrangeiras. São vistas como de fora, outras, diferentes. Estrangeira então como condição imposta. E essas problemáticas vão estar cotidianamente atravessando as relações⁴.

Eduarda durante a entrevista diz que ainda hoje o único momento que pode ser ela mesma é quando veste seu figurino e se prepara para apresentar a peça. Todo histórico de racismo naturalizado durante a trajetória de vida pode resultar em criar uma máscara para enfrentar o cotidiano, criar outra forma, couraças e estratégias para sobrepujar as dores. É significativo que uma jovem negra afirme que só pode ser ela no palco, quando a maioria das pessoas relaciona o fazer teatral com o fato de poder ser outras coisas, outras experiências. Para uma pessoa que vive na sociedade constantes tensões por ser quem se

⁴ Para falar de uma experiência pessoal, uma das autoras deste artigo relata que que se sentia mais do que estrangeira, sentia-se uma alienígena em determinados espaços. Entrar em um ônibus lotado com os cabelos armados era como ir para a guerra, quase como ser de outro planeta.

é, o teatro pode fazer brotar o desejo de investir profundamente em si, em se projetar e se apresentar como não é possível na vida cotidiana.

Chama atenção o fato de que a atriz Linda de 75 anos não tenha citado nenhuma vez a palavra cabelo e as outras entrevistas tenham citado muitas vezes, entendemos que talvez exista uma questão geracional ao lidar com palavras como cabelo crespo, reconhecimento, assumir, transição. Colocando experiências de atrizes negras em diálogos com acadêmicas negras trazemos um relato de Beatriz Nascimento que fala das dores de barriga que sentia na infância e da tensão que sentia mesmo adulta ao se ver cercada de brancos:

Esse processo costuma ser longo e insidioso e começa já na escola primária. Lá em Sergipe, para citar um fato concreto, eu estudava numa escola que era num terreno arrendado de minha avó, era em frente à casa dela; pois bem, eu muitas vezes inventava uma dor de barriga e fugia, sabe por quê? Porque tinha pouquíssimas crianças negras, iguais a mim na escola. E esse fenômeno aconteceu comigo até hoje. Eu me sinto mal, me dá uma sensação de isolamento quando eu estou num grupo onde não têm muitos pretos. (Ratts, 2007, p. 49)

A sensação de dor de barriga pode ser aqui entendida como símbolo do medo, da opressão, da escola como primeiro ambiente hostil que vai lembrar a cada segundo as marcas históricas. O isolamento, a sensação de não ser parte, de não pertencer ao espaço, ao grupo acompanham desde a infância, Beatriz Nascimento se sabia estrangeira, outra, diferente. Vitória relatou durante a entrevista que chegou a desejar ser outra pessoa, começou a entender que queria ser uma menina branca de cabelos lisos, chamada Carol. Ismênia se emociona muito ao falar que alisou por mais de vinte anos, o que nos leva a pensar que esses agenciamentos para sobreviver sendo diferente não são recorrentes apenas na infância, repetimos que de inúmeras formas se estendem ao longo da vida. E talvez possamos cogitar que alguns avanços ocorridos nos últimos tempos tenham fortalecido e impelido mulheres a assumir suas raízes crespas, me refiro à existência de cremes e tratamentos especializados, revistas, influência de artistas brasileiras e norte americanas que falam e vivem o cabelo crespo, e mais tarde o advento da internet que possibilita que centenas e centenas de jovens e mulheres negras compartilhem cuidados, traumas, dúvidas, tratamentos específicos para cada tipo de cacho. Como as densidades das texturas 3abc, 4abc, óleos naturais, tipos de tranças, cortes e penteados etc.

Uma observação importante é que mesmo sendo muito rapidamente cooptados pelo capital e tornados mercadológicos cuidados e produtos naturais que ancestralmente já eram passados de mãe para filhas, como o uso de babosa, óleo de coco, as tranças que auxiliam muito no crescimento e fortalecimento dos fios crespos. As propagandas televisionadas e impressas também são parte de universo que esbarra nas questões sobre a mulher negra: “Eu tenho ficado muito feliz com algumas propagandas que eu tenho visto da natura, isso sem fazer nenhum jabá, mas eu acho bacana mulheres que não tem um corpo padrão, que são gordinhas que você até a estria da pessoa, celulite, brancas, negras, carecas, cabelo azul. E é isso. Porque nós somos assim diferentes” (Ismênia, entrevistada em 2018)

Ainda que a indústria dos cosméticos tenha se apropriado e descoberto um novo segmento de público e esteja vendendo para corpos fora do padrão branco, podemos entender como evolução e reconhecimento da existência e das pluralidades de corpos. Assim como os produtos e maquiagem específicos para a pele negra, que eram praticamente inexistentes e na maioria das vezes sem variedades de tonalidades, como se houvesse apenas um tom de pele negra. Não era incomum encontrar produtos de uma tonalidade mais escura destinado a pele morena, negra e bronzeada, o que obviamente não contemplava toda a multiplicidade de texturas e tonalidades de peles negras. Podemos também cogitar que o surgimento de produtos específicos gera consigo propaganda específica ampliando o campo de trabalho para mulheres negras em profissões como modelos, produtoras, atrizes, *videomakers*, editoras. Inúmeras blogueiras e *youtubers* negras hoje trabalham criando, divulgando, compartilhando ideias, dicas, truques, produtos e são patrocinadas por marcas de cosméticos, roupas, calçados, estética no geral. Pensemos que dessa forma as mulheres negras podem se “ver” em algumas prateleiras de farmácia, shoppings e supermercados, e que nessa questão de assumir o cabelo crespo e viver processos de transição capilar isso é muito significativo. É um início de movimento importante.

Cabe enfatizar que a questão é bastante emblemática e gera questionamentos na direção de mulheres negras que gostam de alisar o cabelo e se sentem pressionadas por uma espécie de ditadura do cabelo crespo, como se houvesse um modelo ideal de negritude a ser expressa na performatividade da mulher negra. Esse questionamento nos

leva a refletir que mulheres brancas e não negras possuem liberdade para alisar, fazer progressiva, manter naturais, pintar, cachear, trançar, sem maiores questionamentos. E nesse ponto causando atrito com algumas mulheres negras que vão considerar apropriação cultural indevida, uma vez que as brancas usando turbantes, tranças, permanente afro, dreadlocks são vistas como cultas, bonitas, e não vão ser impedidas na sociedade, já as mulheres negras adotando esses cabelos que lhes pertencem culturalmente são estigmatizadas, inclusive sofrendo retaliações, dificuldades no mercado de trabalho e ofensas cotidianamente. Inúmeras páginas, blogs, sites de mulheres negras discutem as ditaduras capilares, pautando a ideia de não sair da difícil ditadura do cabelo liso para entrar em uma perseguição por determinados tipos de crespos e cachos. Mesmo reconhecendo a importância de assumir os cabelos crespos naturais como postura política mulheres negras problematizam essa exigência diante das inúmeras possibilidades que são encontradas, essa questão gira em torno do direito de escolha da mulher negra.

Mulheres negras e também homens negros que assumiram sua negritude foram citadas nas entrevistas. Nomes de artistas negros foram colocados em momentos específicos. Existe uma questão muito marcante de representatividade: Ruth de Souza, Zezé Motta, Thais Araújo, Camila Pitanga. Sheron Menezes, Aline Wirley, foram alguns nomes lembrados.

Eu vi uma das meninas do Rouge, a Aline que ela raspou a cabeça e ela falou assim: eu tive os cabelos de todos jeitos na minha vida, mas eu nunca tive o meu cabelo! E ela acordou surtou e raspou a cabeça, ela falou que ela chorava. É muito emocionante o depoimento dela, porque foi muito difícil ela se despir daquilo que ela acreditou uma vida inteira que era lindo mas também conseguiu perceber uma beleza naquilo que era dela e conseguir ver beleza naquilo que é o cabelo com aquela textura, daquele jeito né. (Ismênia, entrevistada 2018)

Ismênia antes de falar de seu próprio processo de transição capilar lembrou o da cantora. O rosto de atrizes, cantoras, dançarinas são referências significativas para vidas de mulheres negras que muito raramente se veem representadas na televisão, no cinema e nesse caso principalmente no teatro.

Considerações Finais

Nas entrevistas realizadas e analisadas aqui é expressivo que atrizes negras lembrem esses nomes e os relacionem com a ideia de resistência. Igualmente importantes movimentações de artistas, artesãos, militantes e empreendedores negros, como é o caso da Feira Preta, citada por Vitória:

Eu fui perceber o quanto eu era linda e maravilhosa quando eu fui a primeira vez na Feira Preta. Eu tinha o quê? Dezoito pra dezenove anos. Daí que eu cheguei, eu precisei frequentar um espaço onde tinha meninas iguais a mim, pra eu encontrar meu espaço, sabe?

É sobre representatividade, reconhecimento, valorização o depoimento de Vitória Cardoso, impactante, “chegou” e se sentiu bonita pela primeira vez ao conhecer a Feira Preta em São Paulo. Por carregar a experiência de ser a única negra no trabalho, nos espaços de lazer, no teatro e na formação artística como um todo ela precisou sair da cidade e estar entre os seus pares, ver outras meninas negras que ela mesma considerou bonitas para só então entender que era tão “linda e maravilhosa” como as negras que viu na Feira Preta. Citamos a perspectiva trazida pela fala de Vitória na contemporaneidade as mulheres negras estão construindo discursos, e abrindo espaços em territórios como o teatro para que no futuro meninas negras possam vivenciar como sujeitos de pertencimento e ação. Estão construindo o respirar-aliviado para o futuro:

Eu acho que essa geração que tá vindo, pra daqui cinquenta anos, não é nem a gente que vai sentir que está mudando. Que é algo cultural já. Se uma criança lê um livro aonde eu posso brincar de cabo de guerra com o cabelo da minha amiga. Ou seja, aquela criança que, ela pode não ser racista, mas o que ela está produzindo ou reproduzindo? Então, acho que essa geração, eu ter uma aluna de oito anos com o cabelo black, ela vai sentir. O que pra mim chegou com vinte e quatro, ‘tá chegando ainda pra ela vai chegar mais rápido e pros filhos dela e assim... Acho que a gente ainda não vai ficar aliviada. (Vitória, entrevistada em 2017)

As mulheres negras através do cabelo crespo lutam para ressignificar os contornos que os conceitos recebem, o conceito de mulher negra, vem carregado da tensão: cabelo crespo, cabelo duro, cabelo ruim. Campanhas online expressam: o cabelo crespo não é ruim o que é ruim é o preconceito! Um exemplo dentre vários. Muitas músicas, poesias,

quadros e grafites fazem o movimento de ressignificar o lugar do cabelo crespo na sociedade, ressaltam a beleza, a ancestralidade e a força dos fios.

Da mesma forma que eu trouxe isso pra minha vida inteira e acho ofensivo quando alguém tenta esconder a minha cor de mim dizendo que eu sou moreninha: não filho, para de economizar tinta. Eu sou preta, sou negra (*duas batidas rápidas e secas, a mão bate no peito quando pronuncia a palavra negra*) e sou muito feliz do jeito que eu sou, gosto do meu cabelo, da minha cor, gosto até de tomar sol pra dar uma retocada pra ficar mais preta, porque que eu vou esconder uma coisa que está aqui? Eu nasci assim.

O feminismo negro, portanto, parecer ser um grande responsável pelo (auto)reconhecimento da estética negra, pela ressignificação dos cabelos crespos e principalmente pela propagação de ideias e campanhas. Nomear a resistência e os enfrentamentos da mulher negra é parte de um movimento de luta por transformação da realidade. O cabelo crespo é um grito. Ele conta sobre as questões que envolvem a experiência dessa mulher, o cabelo é então um grande símbolo contra os ditames de uma sociedade racista e heteronormativa.

E a quebra do silêncio desses corpos negros nas artes cênicas nos aponta para a necessidade de ouvir e aprender com essas trajetórias. De fazer uma escuta apurada e sensível, pois são vozes que carregam muitas forças capazes de operar mudanças civilizatórias. Quando rompem o silêncio e dizem o quanto as opressões de gênero e raça são indissociáveis narram com suas histórias de vida exemplos de lutas contra o machismo e contra o racismo acreditando que suas ações de hoje – como a transição capilar e o incentivo a crianças negras – são o ovo que está gestando um devir de potência e novos caminhos para o futuro das mulheres negras.

Referências bibliográficas

- BALIEIRO, F. F.; RISK, E. N. *Escola e sexualidades: uma visão crítica à normatização*. In: MISKOLCI, Richard; LEITE, Jorge (Org.). *Diferenças Na Educação: Outros Aprendizados*. 1ed. São Carlos: EdUFSCar, 2014, p. 149-198.
- BENTO, B. A. de M. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. *Estudos Feministas* Vol. 19, No. 2, 2011, pp. 549-559.

CARNEIRO, A. S. *A construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser.* 2005. 339 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

DAVIS, A. *Mulheres, raça e classe.* São Paulo: Boitempo, 2016.

HARDY-VALLÉE, B. *O que é um conceito?.* São Paulo: Parábola, 2013.

JUNQUEIRA, R. D. A pedagogia do armário: heterossexismo e vigilância de gênero no cotidiano escolar brasileiro. *Annual Review of Critical Psychology*, v. 11, 2014, p.189-204.

RATTS, A. *Eu sou Atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento.* São Paulo: Imprensa Oficial/Instituto Kuanza, 2007.

SEDGWICK, E. K. *A epistemologia do armário.* Cadernos Pagu, Campinas-SP, n. 28, p. 19-54, jan-jun, 2007.

SOUZA SANTOS, B.; MENESES, Maria Paula; NUNES, João. Introdução: Para ampliar o cânone da ciência: a diversidade epistemológica do mundo. In: SOUZA SANTOS, B. (Org) *Semear outras soluções: os caminhos da biodiversidade e dos conhecimentos.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

VIEIRA, P. A. S.; MEDEIROS, P. M. *Pela Desracialização da Experiência: discurso nacional e educação para as relações étnico-raciais.* . In: MISKOLCI, Richard; LEITE, Jorge (Org.). *Diferenças Na Educação: Outros Aprendizados.* 1ed. São Carlos: EdUFSCAR, 2014, p. 50-100.

WARNER, M. (editor) *Fear of a Queer Planet: Queer Politics and Social Theory.* Minneapolis/London, University of Minnesota Press, 1993.

Recebido: 20/7/2020. Aceito: 28/7/2020.

Autoras:

Daiana de Moura Bernardes Coelho - atriz, pesquisadora e arte educadora, integrante da Plataforma de Pesquisas Cunchãntã. Graduação em Teatro Arte Educação na Universidade de Sorocaba (UNISO); mestranda em educação no PPGED Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR), Departamento de Ciências Humanas campus Sorocaba.
Email: daiamerinegrindia@gmail.com

Viviane Melo de Mendonça - Professora Associada da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Departamento de Ciências Humanas e Educação, campus Sorocaba. Doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Mestrado em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica (PUCCAMP) de Campinas e Graduação em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).
Email: viviane@ufscar.br